

Ensaaios estéticos de David Hume: dois aspectos de um projeto de tradução

Gustavo Althoff
Universidade Federal de Santa Catarina
gualt@floripa.com.br

Resumo:

No presente texto, exponho brevemente o lugar do ensaio na obra do filósofo escocês David Hume, cito quais deles escolhi traduzir em minha dissertação de mestrado e aponto dois aspectos importantes de meu projeto de tradução. Esse projeto se constrói à medida que avanço nas leituras sobre Hume, Teoria do Ensaio, Teoria da Tradução e Tradução Filosófica. Neste texto, enfoco dois aspectos: a recomendação de Hume sobre a arte de escrever bem e o aspecto ético da tradução, tal como o entende Antoine Berman.¹

Palavras chaves: David Hume, ensaio, projeto de tradução, Hume e a arte de escrever bem, ética da tradução

Abstract:

In this article I set forth the position of Scottish philosopher David Hume's essays in his body of work, mention the ones I chose to translate for my MA dissertation and reveal two important aspects of my translation project. This project has been built as I move forward with my readings of Hume's works, the theory of essay as a genre, translation theory and philosophical translation. Two aspects are focused here: Hume's own recommendation on the art of fine writing and the ethical aspect of translation, as understood by Antoine Berman.

Key words: David Hume, essay, translation project, Hume and the art of fine writing, translation ethics

David Hume, filósofo do Iluminismo Escocês, viveu de 1711 a 1776, tendo dedicado toda a sua vida aos interesses intelectuais e à produção de obras “literárias”². Algumas de suas obras filosóficas de destaque são: *A Treatise of Human Nature* (1739), *Enquiry concerning Human Understanding* (1748, desdobramento do primeiro volume do *Treatise*) e *Enquiry concerning the Principles of Morals* (1751, desdobramento do segundo volume da mesma obra).

Embora essas três obras sejam consideradas seus trabalhos mais importantes, Hume não obteve com elas o reconhecimento intelectual que almejava, e se tornou conhecido em vida por seus ensaios, tendo os publicado no período que vai de 1741 a 1777, este, ano posterior a sua morte³. Os ensaios humeanos combinam o estilo claro e refinado com a profundidade da reflexão filosófica, provando serem adequados ao público geral ao qual se destinavam. Como se depreende da destacada pluralidade de temas presente no título da edição crítica editada por Eugene Miller, *Essays, Moral, Political, and Literary*, Hume abordou diversos assuntos, tais como a filosofia estoíca, a origem do estado, a liberdade civil, e a arte de escrever bem. Ao todo, escreveu 49 ensaios.

A criação do gênero pelo qual Hume se notabilizou em vida é creditada ao escritor e filósofo francês Michel Montaigne, que, em 1580, publicou *Essais*, uma coleção de textos curtos e meditativos sobre diversos assuntos. Depois de Montaigne, muitos escritores se destacaram como ensaístas, dentre eles Francis Bacon, John Dryden, Alexander Pope Joseph Addison, Samuel Johnson e David Hume, para ficar entre autores de renome em língua inglesa. O ensaio constitui-se num texto geralmente breve, um tanto informal, flexível na forma e no estilo, em que se expõem idéias, meditações e reflexões a respeito de algum tema e se defende um ponto de vista pessoal.

Os ensaios de Hume seguem essas características mais gerais do gênero, embora se observe que, em parte deles, tal autor tenha se preocupado com uma maior formalidade estilística e um encadramento de idéias que não privilegiasse digressões. Seu estilo, como mencionado anteriormente, privilegiava a clareza e uma redação em língua inglesa culta e elegante, porém acessível. Num deles, intitulado *Of Essay Writing*, Hume expressa o objetivo que desejava atingir com a escritura de seus ensaios, qual seja, o congoçamento entre as pessoas de letras e as pessoas comuns:

'Tis with great Pleasure I observe, That Men of Letters, in this Age, have lost, in a great Measure, that Shyness and Bashfulness of Temper, which kept them at a Distance from Mankind; and, at the same Time, That Men of the World are proud of borrowing from Books their most agreeable Topics

of Conversation. 'Tis to be hop'd, that this League betwixt the learned and conversible Worlds, which is so happily begun, will be still farther improv'd to their mutual Advantage; and to that End, I know nothing more advantageous than such Essays as these with which I endeavour to entertain the Public.⁴

Os ensaios escolhidos para serem traduzidos e discutidos em minha dissertação foram os ensaios estéticos e, por ora, constituem-se de: *Of essay writing; Of refinement in the arts; Of the delicacy of taste and passion; Of eloquence; Of the rise and progress of the arts and sciences; Of simplicity and refinement in writing; Of tragedy* e *Of the standard of taste*.

Um projeto de tradução em formação

Ao formular um “trajeto analítico” de traduções, em *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), Antoine Berman define o conceito de ‘projeto de tradução’. Além desse, elenca e define outros dois conceitos fundamentais e inter-relacionados, entre eles e ao de projeto, os de ‘posição tradutiva’ e ‘horizonte tradutivo’. Seguindo a ordem dos conceitos estabelecida pelo autor francês, sobre ‘posição tradutiva’, Berman afirma: “Qualquer tradutor mantém um *rapport* específico com a sua própria atividade, ou seja, tem certa “concepção” ou “percepção” de traduzir, de seu senso, de suas finalidades, das suas formas e modos.”⁵ A ‘posição tradutiva’ seria, portanto, o compromisso entre a consciência do tradutor e “a maneira como ele internalizou o discurso do meio sobre o traduzir (as normas)”⁶. Já o ‘projeto de tradução’ “define a maneira pela qual (...) o tradutor vai efetuar a tradução literária. De outra parte, assumir a tradução mesma, escolher um “modo” de tradução, uma “maneira de traduzir”⁷. O ‘horizonte da tradução’, por sua vez, seria “o conjunto dos parâmetros da linguagem, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor”⁸.

Entendido esses conceitos, em especial o de ‘projeto de tradução’, aponto dois aspectos constitutivos de meu ‘projeto’ na tradução dos ensaios estéticos de David Hume. Tenho-nos como efetivas referências para minha prática tradutória, vejo-os como elementos ativos e influenciadores de minhas escolhas tradutórias, donde depreendo serem partes constituintes de meu ‘projeto de tradução’.

Hume e de como escrever bem

Um primeiro aspecto de interesse de meu ‘projeto de tradução’ tem a ver com a recomendação do próprio filósofo escocês sobre a arte de escrever bem. Em seu ensaio intitulado *Of Simplicity and Refinement in Writing*, Hume argumenta a favor de um estilo de escrita que não seja demasiadamente natural ou simples, como o das conversas informais, nem tampouco excessivamente refinado ou floreado, como os escritos de alguns homens de letras. A respeito do excesso de refinamento, escreve:

Too much ornament is a fault in every kind of production. Uncommon expressions, strong flashes of wit, pointed similies, and epigrammatic turns, especially when they recur too frequently, are a disfigurement, rather than any embellishment of discourse. As the eye, in surveying a GOTHIC building, is distracted by the multiplicity of ornaments, and loses the whole by its minute attention to the parts; so the mind, in perusing a work overstocked with wit, is fatigued and disgusted with the constant endeavour to shine and surprize. This is the case where a writer overabounds in wit, even though that wit, in itself, should be just and agreeable. But it commonly happens to such writers, that they seek for their favourite ornaments, even where the subject does not afford them; and by that means, have twenty insipid conceits for one thought which is really beautiful.⁹

Observa, assim, que a partir dos dois pólos apresentados, o da simplicidade, por um lado, e o do refinamento, por outro, existe uma amplitude não-definível em cujo intervalo se situam os bons textos:

First, I observe, That though excesses of both kinds are to be avoided, and though a proper medium ought to be studied in all productions; yet this medium lies not in a point, but admits of a considerable latitude.¹⁰

Na continuação, aponta a dificuldade de definir essa amplitude da boa escrita por meio de palavras:

My second observation on this head is, That it is very difficult, if not impossible, to explain by words, where the just medium lies between the excesses of simplicity and refinement, or to give any rule by which we can know precisely the bounds between the fault and the beauty.¹¹

E então, procede para uma terceira observação em que ajuíza qual o maior cuidado que se deve ter ao se escrever um texto que se pretenda bem escrito:

I shall deliver it as a third observation on this subject, That we ought to be more on our guard against the excess of refinement than that of simplicity; and that because the former excess is both less beautiful, and more dangerous than the latter.¹²

Esse aspecto, o da arte de escrever bem, tal como o encara Hume, o tenho como muito importante em minha tradução de seus ensaios estéticos. No ensaio referido, tem-se a explicitação do princípio estilístico orientador de sua escrita, posto em prática, consenso é, com tal acuidade, que seu texto tornou-se exemplo de boa escrita em língua inglesa. Portanto, é meu intento observar este princípio em minha tradução, buscando re-textualizar seus ensaios para o português de modo a preservar a elegância e a simplicidade que preconiza e executa, e pelas quais é laureado como escritor. Acredito que traduzi-lo baseado noutra abordagem seria uma traição dupla: a sua recomendação e a sua prática.

O aspecto ético da tradução

Enfoco, aqui, um outro aspecto de meu projeto de tradução, o ético, tal como o entende Antoine Berman. Em seu texto *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* (1985), Berman critica a tradução etnocêntrica, a qual entende como aquela “que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura”.¹³ Em seguida, realiza o que chama de “analítica da tradução”, instância em que examina o “sistema de deformação” de textos, que opera em toda tradução. Tais deformações explicitam-se em tendências “cujo fim é a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do ‘sentido’ e da ‘bela forma’”.¹⁴

Sobre essa analítica, destaca suas duas facetas fundamentais:

Trata-se de uma analítica em duplo sentido: da análise, parte por parte, desse sistema de deformação, isto é, de uma “análise” no sentido cartesiano da palavra. Mas também no sentido psicanalítico, na medida em que esse sistema é realmente inconsciente e se apresenta como um leque de tendências, de *forças* que desviam a tradução de seu verdadeiro objetivo.¹⁵

Mas o que seria essa “pura meta” da tradução? Para chegar nela, é preciso, primeiro, entender seu conceito de ‘letra’. Para ele, a ‘letra’ é indiretamente definida como a oposição às tendências deformadoras que examina. Portanto, “a letra são todas as dimensões às quais o sistema de deformação atinge”.¹⁶ A título de ilustração, e em que pese a não exposição do que seja cada uma delas, as treze tendências deformadoras

definidas por ele são: a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos textuais, a destruição (ou a exotização) das redes de linguagens vernaculares, a destruição das locuções e idiomatismos, e o apagamento das superposições de línguas.

Atemo-nos, agora, à meta ética da tradução. A seu respeito, logo que trata da tradução etnocêntrica, Berman já afirma que “o projeto poético está ligado ao projeto ético da tradução: levar às margens da língua na qual se traduz a obra estrangeira na sua pura estranheza, sacrificando deliberadamente sua ‘poética’ própria”.¹⁷ Argumenta também, que a tradução “é, na sua essência, animada pelo *desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua*. (...) Por isto, retomando a bela expressão de um trovador, falamos que a tradução é, na sua essência, o ‘albergue longínquo’”.¹⁸

Assim, em resumo, a meta ética de Berman propõe o acolhimento do estrangeiro como tal, o acolhimento de sua literalidade carnal, o que remete à *letra* da obra:

Enquanto meta ética, o fim da tradução é acolher na língua materna esta literalidade. Pois é nela que a obra desenvolve seu dizer, sua *Sprachlichkeit* e realiza sua manifestação do mundo.

Conclusão

Na tradução dos ensaios estéticos de David Hume, vejo-me diante da oportunidade ímpar de verter, ao português, escritos filosóficos caracterizados por uma fina reflexão a respeito dos objetos sobre os quais se debruça e pela reconhecida qualidade estilística. A construção de um projeto de tradução, que considera a recomendação do próprio autor sobre a arte do bem escrever – em que se incluem as qualidades da clareza e da elegância – e que presta atenção ao que Berman chama de ‘letra’, me parece deveras adequada e promissora. A preocupação com a ‘letra’ se justifica na medida em que a tradução filosófica incorpora, de maneira distinta, a tarefa de trazer/ levar o outro a uma cultura da qual não faz parte, pois a Filosofia nos fornece imagens do pensamento humano e da realidade, e erige, assim, pensamentos complexos e estruturas conceituais que se constituem numa nova imagem do pensamento e/ ou da realidade. Creio que a meta ética proposta por Berman casa muito bem com o fim de

manifestar o *novo*, caracterizado, por analogia, em minha leitura, como algo similar ao outro, ao estrangeiro. O *novo*, defendo, é característica constitutiva de uma reflexão filosófica original e demanda, desse modo, ser transposto para outra língua e cultura em sua novidade.

Notas:

¹ Em virtude do escopo deste artigo, objetivo tão somente revelar dois aspectos de minha abordagem na tarefa de tradução dos ensaios escolhidos. Opto por não dar relevo aos dados bio-bibliográficos de David Hume, os quais serão devidamente destacados na introdução da futura dissertação.

² A respeito de que se dedicou à produção de obras “literárias”, uso-o de acordo com conotação geral que o próprio Hume dá ao termo logo nas primeiras frases de *My Own Life*, publicado após sua morte, em 1777, aqui reproduzidas:

“It is difficult for a man to speak long of himself without vanity; therefore, I shall be short. It may be thought an instance of vanity that I pretend at all to write my life; but this Narrative shall contain little more than the History of my Writings; as, indeed, almost all my life has been spent in literary pursuits and occupations.”

³ A edição de 1777 foi preparada por ele nos anos anteriores, enquanto convivia com um câncer de intestino.

⁴ HUME, Of essay writing. In: *Essays, Moral, Political, and Literary*, Edited by: Eugene F. Miller, 1987; versão eletrônica.

⁵ BERMAN, *Pour une critique des traductions: John Donne*, p.. 6

⁶ *Ibid*, p. 6.

⁷ *Ibid*, p. 7

⁸ *Ibid*, p. 8

⁹ HUME, Of simplicity and refinement in writing. In: *Essays, Moral, Political, and Literary*, Edited by: Eugene F. Miller, 1987; versão eletrônica.

¹⁰ *Ibid*.

¹¹ *Ibid*.

¹² *Ibid*.

¹³ BERMAN, *A tradução e a letra ou o albergue ao longe*, p. 15

¹⁴ *Ibid*, p. 27

¹⁵ *Ibid*, p. 26

¹⁶ *Ibid*, p. 36

¹⁷ *Ibid*, p. 21

¹⁸ *Ibid*, p. 40

Referências Bibliográficas:

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Trad. Gabriela de França Nanni [inédito]

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue longínquo*. Tradutores: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini [inédito]

HUME, David. My Own Life. In: *Essays, Moral, Political, and Literary*, Edited by: Eugene F. Miller, 1987; Versão eletrônica disponível em : < <http://www.econlib.org/library/LFBooks/Hume/hmMPL.html>>.

HUME, David. Of essay writing. In: *Essays, Moral, Political, and Literary*, Edited by: Eugene F. Miller, 1987; Versão eletrônica disponível em : < <http://www.econlib.org/library/LFBooks/Hume/hmMPL.html>>.

HUME, David. Of simplicity and refinement in writing. In: *Essays, Moral, Political, and Literary*, Edited by: Eugene F. Miller, 1987; Versão eletrônica disponível em : < <http://www.econlib.org/library/LFBooks/Hume/hmMPL.html>>.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.